



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFES
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

FRANCIELI CAMILA ZAMADEI ANDREOLA

A LUDICIDADE E AS BRINQUEDOTECAS HOSPITALARES

ERECHIM

2017

FRANCIELI CAMILA ZAMADEI ANDREOLA

A LUDICIDADE E AS BRINQUEDOTECAS HOSPITALARES

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientadora: Prof. Me Sonize Lepke

ERECHIM
2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

, Francieli Camila Zamadei Andreola
A LUDICIDADE E AS BRINQUEDOTECAS HOSPITALARES/
Francieli Camila Zamadei Andreola . -- 2017.
43 f.:il.

Orientador: Me. Sonize Lepke.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de ,
Erechim, RS , 2017.

1. Introdução. 2. Brinquedotecas: espaços em que se
aprende brincando. 3. Análise de Dados. 4. Considerações
Finais. I. Lepke, Me. Sonize, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FRANCIELI CAMILA ZAMADEI ANDREOLA

A LUDICIDADE E AS BRINQUEDOTECAS HOSPITALARES

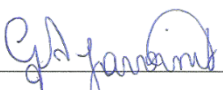
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

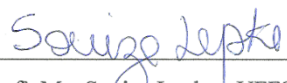
Orientadora: Prof^a. Me. Sonize Lepke

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
13 / 12 / 2017

BANCA EXAMINADORA


Prof^a. Esp. Magali Maria Johann - UFFS/Erechim


Prof^a. Me. Guacira Javornik – EMEF Othelo Rosa/Erechim


Prof^a. Me. Sonize Lepke - UFFS/Erechim

Dedico este trabalho aos meus pais, irmãos e ao meu marido, pelo incentivo e apoio neste momento de graduação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades no decorrer destes cinco anos de graduação, os quais foram de muitos aprendizados.

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe Leonir Anna Toigo Zamadei, ao meu pai Waldir Jardelino Zamadei, aos meus irmãos Josieli Fátima Zamadei e Marcos Roberto Zamadei, e ao meu marido Ademar Andreola, por terem me incentivado e contribuído para que pudesse chegar onde estou hoje.

Neste tempo de graduação, conheci muitas pessoas, as quais sempre serão lembradas, em especial agradeço pela amizade e companheirismo construído com as colegas Ana Maria May, Márcia Reinhardt e Salete Terezinha Tartari.

A esta Universidade e principalmente aos professores, por me proporcionarem cinco anos de muito estudo e dedicação, acompanhados de muitos conhecimentos.

A minha professora orientadora, Sonize Lepke, que se disponibilizou a contribuir na elaboração deste trabalho. Obrigada pelo apoio, pela confiança e pelo tempo disponibilizado neste processo.

Enfim, o meu muito obrigada a todos que, de alguma forma, contribuíram para a minha formação.

O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança; tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso nós, pais e professores, antes de sermos especialistas em ferramentas do saber, devemos ser especialistas em amor: intérpretes de sonho.

(Rubem Alves, 2003)

RESUMO

A presente pesquisa de conclusão de curso analisa a ludicidade e as brinquedotecas hospitalares. O tema surge devido à importância desses espaços, os quais podem ser um dos campos de atuação do pedagogo. O método de pesquisa utilizado é o qualitativo, o qual ocorreu por meio de pesquisas bibliográficas e documentais. Em seguida, foram analisadas duas brinquedotecas hospitalares de uma das maiores cidades da região do Alto Uruguai, tendo sido os dados confrontados com o aporte teórico. As brinquedotecas hospitalares estão previstas na Lei nº 11.104/2005, sendo obrigatórias em hospitais que dispõem de atendimento pediátrico com regime de internação. Essa lei apenas exige a obrigatoriedade da implantação do espaço, sem orientar quanto à operacionalização. A revisão bibliográfica aponta para a importância destes espaços que auxiliam na recuperação das crianças e dos adolescentes hospitalizados, ao estimular brincadeiras e contato com diversos brinquedos. Por isso, as brinquedotecas hospitalares são espaços importantes, que deveriam ser explorados, pois têm o seu papel no processo de reestabelecimento da saúde das crianças e adolescentes em tratamento nos hospitais. Por meio do lúdico, eles “esquecem” o que faz com que estejam nesse ambiente e isso contribui para o ser criança e para o processo escolar. Além disso, a ludicidade por meio do brincar traz inúmeros benefícios, o que torna-se importante para o desenvolvimento físico, mental, social e emocional da criança. Cabe ressaltar que esse é um dos direitos de uma criança ou de um adolescente hospitalizado e, portanto, deve ser exigido e usufruído da melhor forma. Conclui-se que as duas brinquedotecas analisadas, apesar das diferenças quanto à organização do espaço, dos brinquedos e do acesso, atendem o dispositivo legal, contribuindo para o bem-estar da criança e do adolescente hospitalizado. Essa é uma área de atuação do pedagogo que muitas vezes passa despercebida por muitos, inclusive nos cursos de pedagogia e pelo próprio pedagogo.

Palavras-chave: Brincar. Brinquedotecas hospitalares. Ludicidade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sala de convivência	22
Figura 2 - Infraestrutura.....	24
Figura 3 - Infraestrutura (cont.)	24
Figura 4 - Livros de histórias infantis.....	26
Figura 5 - Armário com diversos materiais	26
Figura 6 - Folder do projeto voluntário	27
Figura 7 - Telas pintadas por voluntários	27
Figura 8 - Brinquedoteca	28
Figura 9 - Infraestrutura.....	28
Figura 10 - Infraestrutura (cont.)	29
Figura 11 - Brinquedo um	31
Figura 12 - Brinquedo dois.....	31
Figura 13 - Brinquedo três.....	31
Figura 14 - Brinquedo quatro	31
Figura 15 - Brinquedo cinco	31
Figura 16 - Brinquedo seis	31
Figura 17 - Piscina de bolinhas	33
Figura 18 - Balanço	33
Figura 19 - Motocas.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 BRINQUEDOTECAS: ESPAÇOS EM QUE SE APRENDE BRINCANDO	15
2.1 BRINQUEDOTECAS HOSPITALARES: EDUCAÇÃO E SAÚDE EM UMA MESMA PERSPECTIVA.....	17
2.1.1 Análise da Lei nº 11.104/2005	20
3 ANÁLISE DE DADOS.....	22
3.1 ESPAÇO UM: SALA DE CONVIVÊNCIA.....	22
3.2 ESPAÇO DOIS: BRINQUEDOTECA	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	37
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	42

1 INTRODUÇÃO

As brinquedotecas hospitalares são espaços importantes, que deveriam ser explorados, pois eles têm o seu papel no processo de restabelecimento da saúde das crianças e dos adolescentes em tratamento nos hospitais. Nestes espaços organizados com objetos do seu cotidiano, as crianças “esquecem” suas dificuldades, interagem através de brincadeiras, desenham, pintam e utilizam a imaginação para superar barreiras impostas pela hospitalização. Conforme Morais e Paula (2010, p. 75), “a brinquedoteca é um espaço destinado para o brincar e é imprescindível no hospital, já que quando a criança é internada sofre com tratamentos dolorosos e com o afastamento de seus familiares, espaços educativos e de lazer”.

Este trabalho de conclusão de curso analisa as brinquedotecas hospitalares, em relação à estrutura e ao funcionamento, de dois hospitais de uma das maiores cidades da região do Alto Uruguai, especificando qual é sua função, como é constituída, quais atividades e ações são desenvolvidas em ambas, bem como qual o papel do pedagogo nestes espaços. Para isso, é analisada a organização das brinquedotecas e problematizada a Lei 11.104/2005.

O pedagogo tem como campo de atuação as escolas, ou seja, em espaços escolares, e, também em espaços não-escolares, como por exemplo ONGs e hospitais. O ensino-aprendizagem ocorre em diferentes espaços “[...] nos quais a atuação do educador se faz indispensável. Todavia, a formação humana, em qualquer espaço, escolar ou não escolar, necessita de um profissional que esteja preparado para lidar com a prática pedagógica sistematizada ou não (NASCIMENTO et al, 2010, p. 62)”.

De acordo com o título deste trabalho “A ludicidade e as brinquedotecas hospitalares”, cabe aqui destacar do que se trata quando falamos em ludicidade. Para Bacelar (2009, p. 30) a ludicidade

[...] é interna ao indivíduo. É o estado interno que se processa enquanto o indivíduo realiza uma atividade lúdica. A atividade lúdica, como expressão externa, só será lúdica internamente se propiciar ao sujeito a sensação de plenitude, prazer, alegria. A ludicidade, como experiência interna, integra as dimensões emocional, física e mental [...] e, portanto, é de relevância significativa para a vida em todas as suas fases [...].

Geralmente atribuímos ao lúdico os jogos, brinquedos e brincadeiras, mas a ludicidade não abrange somente esses aspectos. Muitas vezes, o lúdico está associado “[...] ao lazer, à satisfação, ao deleite, ao prazer” (BACELAR, 2009, p.24). Ou seja, quando a criança torna-se paciente em um hospital ela não deixa de ser criança, portanto necessita do brincar, da ludicidade nesse processo de hospitalização, o qual muitas vezes acarreta traumas, medo e insegurança.

Segundo Silvério o Rúbio (2012, p.9) as brinquedotecas hospitalares objetivam

[...] diminuir a ansiedade e os traumatismos dos rituais de hospitalização; fortalecer a estrutura familiar, recuperar e/ou fortalecer a auto-imagem, autoconfiança e auto-estima, estabelecendo relações amigáveis e prazerosas que procuram minimizar os entraves relacionados às doenças e ao tratamento”.

Portanto, uma forma de amenizar o sofrimento decorrente de uma hospitalização é por meio da ludicidade, do prazer em brincar. “O brincar e o rir são atividades essenciais à saúde física, emocional e intelectual do todo ser humano (SILVÉRIO; RÚBIO, 2012, p. 12)”.

Nas brinquedotecas hospitalares a prática do pedagogo consiste em realizar “[...] variadas atividades lúdicas e recreativas como a arte de contar histórias, brincadeiras, jogos, dramatização, desenhos e pinturas, para continuação dos estudos no hospital (SILVÉRIO; RÚBIO, 2012, p. 1-2)”. Além disso, o pedagogo tem a função de “[...] orientar, estimular e motivar a pessoa enferma e hospitalizada a prosseguir com seu aprendizado [...] (SILVÉRIO; RÚBIO, 2012, p.2)”. Com isso, percebe-se a necessidade de um profissional qualificado para trabalhar com as crianças e adolescentes hospitalizados.

Houve dificuldade para encontrar aporte teórico sobre o tema, bem como falta de informações sobre as brinquedotecas organizadas em hospitais. Por isso, torna-se pertinente ampliar as pesquisas sobre as brinquedotecas hospitalares, verificando-se a função a que estão destinadas teoricamente e como estão sendo organizadas, ressaltando-se que este também é um espaço de atuação do pedagogo.

Além de ampliar a discussão quanto à organização das brinquedotecas e quanto às possibilidades de atuação do pedagogo, a temática fomenta em mim um desejo de fazer mais, seja enquanto profissional que atuou em um hospital, enquanto profissional da saúde, seja agora, neste momento em que ocupo o lugar de pedagoga, que visualiza a educação nos espaços não escolares. Portanto, interessei-me em aliar a minha área de trabalho atual, a saúde com a minha área de estudo, a educação.

Nessa perspectiva, para a realização do estudo, foi utilizado o método de pesquisa qualitativo, por meio de pesquisa bibliográfica e documental em livros, artigos científicos e documentos normativos, tendo como finalidade buscar o aporte teórico para a pesquisa.

Nesse sentido, Gil (2002, p. 17) comenta que a pesquisa é

[...] desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa apresenta cinco características: a primeira é que a fonte dos dados é o ambiente natural, sendo o pesquisador o instrumento principal. A segunda característica é que esse tipo de pesquisa é descritiva, em que se utilizam os dados recolhidos, no meu caso imagens e um documento escrito. Outra característica é a de que o pesquisador não se interessa somente pelos resultados, mas sim pelo processo realizado. Além disso, a análise dos dados é realizada de forma indutiva e, a quinta característica da pesquisa qualitativa, o pesquisador sugere grande importância ao significado do que está buscando.

Desse modo, a pesquisa bibliográfica é “[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p.44). Para a pesquisa documental,

[...] tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nesses casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise (Severino, 2007, p. 122-123).

Após a leitura, análise inicial da bibliografia e dos documentos oficiais, realizei a visita nos dois hospitais, com o objetivo de observar o espaço destinado à brinquedoteca, verificando a organização do espaço, os brinquedos disponibilizados e as atividades desenvolvidas.

Segundo Lüdke e André (1986, p. 15), as observações têm por finalidade “[...] adquirir maior conhecimento sobre o fenômeno e possibilitar a seleção de aspectos que serão mais sistematicamente investigados”.

Foram utilizadas imagens e, de acordo com Loizos (2012, p. 137), existem três enfoques quanto à sua utilização: o primeiro é o de que elas podem oferecer “[...] um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais – concretos, materiais [...]”. Em relação ao segundo enfoque, a informação visual não precisa ser com palavras escritas e nem com números, mas com o uso dos dados visuais e, quanto ao terceiro, “[...] o mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais. Consequentemente, ‘o visual’ e ‘a mídia’ desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica” (LOIZOS, 2012, p.138).

Em seguida, foi realizada a análise das imagens das duas brinquedotecas e do documento de uma das instituições. A análise dos dados é comparada a um funil, em que os dados no início estão no topo e em seguida, tornam-se específicos, no extremo. O pesquisador utiliza o estudo dos dados para perceber o que é mais importante. (BOGDAN; BIKLEN, 2010)

O *corpus* inicial desta pesquisa constituía-se de 120 imagens coletadas nas brinquedotecas a serem analisadas. A partir dos objetivos deste trabalho de conclusão de curso, foram selecionadas 19 imagens para compor o *corpus*. De acordo com Bardin (2010, p. 122, grifo do autor), “o *corpus* é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”.

Os dois maiores hospitais da região do Alto Uruguai disponibilizaram-se a contribuir com a pesquisa, tendo como *locus* as brinquedotecas. As imagens coletadas e os referenciais permitiram dialogar com concepções sobre a infância, o brincar e a ludicidade.

As brinquedotecas enquanto espaço de brincar e interagir das crianças e dos adolescentes reflete não somente as brincadeiras destes, mas também as dos adultos, que têm a possibilidade de relembrar a sua infância. Neste sentido, Kishimoto (2011, p.25) afirma que

a imagem de infância é reconstituída pelo adulto, por meio de duplo processo: ela está associada a todo um contexto de valores e aspirações da sociedade e depende de percepções próprias do adulto, que incorpora memórias de seu tempo de criança. Se a imagem de infância reflete o contexto atual, ela é carregada, também, de uma visão idealizada do passado do adulto, que contempla sua própria infância.

Lajolo (2011) comenta que a infância não é a mesma em todos os lugares e nem mesmo a infância de hoje pode ser comparada com a de alguns anos atrás. Primeiramente, a criança era considerada mini-adulta; em seguida, era vista diferentemente do adulto. Com isso, acreditava-se que a criança era tábula rasa que precisa aprender tudo.

No período contemporâneo esta concepção foi alterada. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 21), “a criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente”.

A etapa posterior à infância, a adolescência, apesar de ser uma nova fase, exige atenção, especialmente quando os adolescentes estão hospitalizados. Conforme o documento intitulado “O direito de ser Adolescente”, do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2011, p.14),

[...] é fundamental reconhecer que os adolescentes são um grupo em si. Não são crianças grandes nem futuros adultos. Têm suas trajetórias, suas histórias. São cidadãos, sujeitos com direitos específicos, que vivem uma fase de desenvolvimento extraordinária. O que experimentam nessa etapa determinará sua vida adulta. Hoje, os adolescentes estão presentes na sociedade com um jeito próprio de ser, se expressar e conviver e, portanto, precisam ser vistos como o que são: adolescentes. São criativos, têm enorme vontade e capacidade de aprender e de contribuir.

Com isso, percebe-se que tanto crianças quanto adolescentes necessitam de um espaço que propicie momentos de descontração e também de aprendizagem. No espaço hospitalar, educação e saúde devem andar juntas. Cabe aqui citar a Constituição Federal de 1988, que em seu Artigo 196 explicita o direito à saúde: “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.

No Artigo 205 da Constituição Federal está instituído o direito à educação: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Nesse sentido, analisar o funcionamento das brinquedotecas é também refletir sobre os sujeitos que nele passam o seu tempo, buscando alento para alguma enfermidade através do brincar ou jogar.

Este trabalho de conclusão de curso, intitulado “A ludicidade e as brinquedotecas hospitalares”, está estruturado pela presente Introdução e, em seguida, pelo Capítulo dois, “Brinquedotecas: espaços em que se aprende brincando”, no qual são apresentadas algumas percepções sobre o brincar, relacionando-o com as brinquedotecas em geral, espaços que permitem a ludicidade. Especificamente, haverá uma discussão sobre as brinquedotecas hospitalares, espaços de grande importância para a criança e para o adolescente hospitalizados, sendo analisada conjuntamente a Lei nº 11.104/2005”, que obriga a disposição de brinquedotecas hospitalares em instituições que possuem atendimento de Pediatria com sistema de internação hospitalar. O capítulo “Análise de dados” evidencia a análise realizada por meio de imagens das duas brinquedotecas e, por fim, serão feitas as considerações finais, baseadas na teoria estudada, com o que foi possível identificar na observação e nas imagens das duas brinquedotecas.

2 BRINQUEDOTECAS: ESPAÇOS EM QUE SE APRENDE BRINCANDO

O brincar ocorre diariamente, sendo fundamental e necessário para o desenvolvimento físico, mental, social e emocional de uma criança. Para Angelo e Vieira (2010, p.85),

o brincar favorece, além da diversão, a expressão dos sentimentos e emoções pelos quais o indivíduo passa. É brincando que se desenvolve o reequilíbrio e a reciclagem das emoções vividas, da necessidade do conhecer e reinventar a realidade, desenvolvendo ao mesmo tempo a atenção, concentração e outras habilidades.

O Artigo 16 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) apresenta o direito da criança de brincar, o qual deve ser respeitado e seguido nos espaços em que a criança está inserida, pois o brincar é atividade essencial para uma infância saudável. Segundo Cordazzo e Vieira (2008, p. 367), “a criança não brinca para se desenvolver, mas ao brincar acaba por ter influências no seu desenvolvimento e na sua aprendizagem”.

Por meio do brincar, é possível criar, recriar, inventar e imitar situações vivenciadas no cotidiano da criança, através do brincar de faz de conta é possível ser médico, cientista, desenhista e o que a criança quiser, ou seja, no mundo infantil o real torna-se imaginário. Com esse brincar, a criança desenvolve a sua imaginação e acaba expressando seus sentimentos, medos e angústias perante a realidade vivenciada. Quando uma criança imita o papel de um adulto está querendo demonstrar o que gostaria de ser no futuro (FONTENELE; SILVA, 2012).

De acordo com Paula et al (2007, p. 1401), “a criança quando brinca desenvolve a sua imaginação constrói relações reais entre as outras crianças, elabora regras de organização e convivência”. Isso permite que ela possa crescer enquanto integrante da sociedade.

O ser criança permite milhões de ações individuais ou coletivas desenvolvidas em busca do novo e, com isso, é possível a socialização entre as crianças. De acordo com Dornelles (2001, p. 107), “[...] esquecemos que: olhar, curtir, tocar, experimentar faz parte do ser criança, faz parte da descoberta na infância e da construção de novos sujeitos-criança”.

Com isso, pode-se perceber que o “brincar é o trabalho da criança. Ao brincar, a criança aprende sobre seu mundo, tempo e espaço, expressa sua realidade, ordena e desordena, constrói um mundo que lhe seja significativo [...]”. (MELO; VALLE, 2010, p. 518). Por isso, o brincar não é brincar por brincar, é brincar para alcançar objetivos, ou seja, é coisa séria.

Para Adamuz, Batista e Zamberlan (2008, p.157) fazem parte das atividades fundamentais da infância os jogos, brinquedos e brincadeiras: “por exemplo, o brinquedo pode estimular a curiosidade, a iniciativa e a autoconfiança; proporciona aprendizagem, desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção”.

Portanto, o brincar é uma atividade desenvolvida pelas crianças que ocorre em espaços planejados ou não. Enquanto espaço planejado, no século XX, foram criadas as brinquedotecas em todo o mundo, com o principal objetivo de proporcionar espaço e tempo para as crianças através de brinquedos e brincadeiras. Conforme Melo e Valle (2010, p. 518),

a primeira brinquedoteca apareceu nos Estados Unidos em 1934, mas foi a partir de 1963 que as brinquedotecas foram surgindo em países como a África do Sul, Argentina, Austrália, Bélgica, Canadá, China, Estados Unidos, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Itália, Japão, Noruega, Portugal, Irlanda, Suécia, Suíça. No Brasil, a primeira brinquedoteca surgiu em São Paulo, em 1973.

Atualmente, existem brinquedotecas em diversos espaços e elas podem ser terapêuticas, comunitárias, sucatotecas, escolares, pedagógicas, itinerantes e hospitalares. Possuem objetivos comuns entre elas, principalmente o desenvolvimento do lúdico, em que é de grande importância o pedagogo, profissional responsável para mediar as atividades. Conforme Santos (2011), o significado da palavra lúdico é brincar, o qual se dá por meio de brinquedos, jogos e brincadeiras.

Segundo Santos (2011, p. 99), “a brinquedoteca é sempre um lugar prazeroso, onde os jogos, brinquedos e brincadeiras fazem a magia do ambiente. Todas elas têm como objetivo comum o desenvolvimento das atividades lúdicas e a valorização do ato de brincar [...]”.

Diversos autores afirmam o que é uma brinquedoteca, cabendo aqui serem ressaltados dois conceitos, segundo Angelo e Vieira (2010, p.85),

a brinquedoteca é um espaço onde as crianças e adolescentes aprendem a compartilhar brinquedos, histórias, emoções, alegrias e tristezas sobre a condição de hospitalização, além de desenvolverem aspectos de socialização e cidadania. As atividades lúdicas também auxiliam na compreensão e elaboração da situação de exceção que a criança vive no hospital, diminuindo os aspectos negativos e possibilitando maior inclusão da mesma na instituição.

Bartolucci (2011, p.129, grifo do autor) amplia a discussão ao superar a ideia de espaço e apontar a contribuição das atividades desenvolvidas.

[...] a brinquedoteca não é simplesmente um espaço físico, um espaço no qual distribuem-se algumas funções para o jogo, mas é também um ‘espaço mental’ que estimule a *cultura do jogo*, a participação e a partilha da atividade lúdica sem limites físicos, de tempo, de idade, de cultura. É o porto seguro do qual zarpa a nave da fantasia para explorar o mundo.

Diante do objetivo proposto pelo projeto de trabalho de conclusão de curso, aprofundi o debate quanto a uma brinquedoteca em específico: a hospitalar.

2.1 BRINQUEDOTECAS HOSPITALARES: EDUCAÇÃO E SAÚDE EM UMA MESMA PERSPECTIVA

A pedagogia hospitalar é um dos espaços para a atuação de um pedagogo em que saúde e educação devem andar juntas. Segundo Loss (2014, p. 63), “no trabalho pedagógico hospitalar é extremamente necessária a sensibilização e a afetividade” para com as crianças que ali precisam de cuidado e atenção. Nesse sentido,

a ação pedagógica no contexto hospitalar contribui para que a criança e o adolescente não se sintam tão tristes por não estarem na escola ou em sua casa, possibilita que a aprendizagem escolar tenha continuidade e ajuda nos aspectos emocionais, fazendo-os centrarem forças no ‘esquecimento’ da situação vivenciada de enfermidade, a partir de trabalhos pedagógicos que contagiam com a esperança, a alegria, os sonhos e os projetos (LOSS, 2014, p. 65).

Um termo muito utilizado em hospitais é a humanização, que tem como objetivo importar-se com a qualidade dos direitos dos pacientes. Para isso, foi criado o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH), o qual busca melhorar a qualidade de atendimento hospitalar e um dos projetos que visam à melhoria da qualidade de vida de crianças e adolescentes hospitalizados é a brinquedoteca.

As brinquedotecas devem estar localizadas preferencialmente próximas ao setor de Pediatria e tornaram-se obrigatórias a partir da aprovação da Lei 11.104/2005. Quando uma criança está internada sob cuidados de “pessoas estranhas”, ou seja, fora de seu contexto familiar, tudo fica diferente, a sua rotina torna-se por vezes desorganizada e difícil.

Cada criança reage de uma maneira em um ambiente hospitalar, algumas com mais dependências, outras com menos. E nesse ambiente é de grande importância a recuperação da doença, mas não podemos esquecer de que essa criança necessita do brincar para contribuir para a sua recuperação e como função do ser criança. Nesse viés, Silva e Matos (2009, p.10602) afirmam que “[...] a brinquedoteca hospitalar vem para garantir à criança um espaço destinado ao ato de brincar com o intuito de colaborar no tratamento dessas crianças e amenizar traumas que podem surgir com a internação”.

De acordo com as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), o atendimento educacional especializado para crianças com deficiência pode ocorrer em espaços não escolares e, dentre eles, está a classe hospitalar: atendimento realizado a alunos que estão impossibilitados de frequentar as aulas devido a tratamento de saúde, o qual ocorre por meio da internação hospitalar ou atendimento ambulatorial. Os objetivos das classes hospitalares são “dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de

aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar [...]” (BRASIL, 2001, p. 52).

Inúmeros são os benefícios proporcionados pelas brinquedotecas para uma criança ou adolescente hospitalizado, que necessita ficar nesse espaço. Enquanto o hospital pode deixar as crianças ansiosas e inquietas, a realização de atividades na brinquedoteca pode tornar o momento mais agradável. Ao brincar na brinquedoteca, a criança remete-se ao seu mundo infantil de brinquedos e brincadeiras.

Segundo Angelo e Vieira (2010, p.85),

o ato de brincar proporciona recursos para elaborações afetivo-cognitivas que podem auxiliar na saúde psicológica da criança hospitalizada. Surge como uma possibilidade de modificar o cotidiano da internação, diminuindo o estresse provocado pela situação e melhora no comportamento das crianças neste período.

Cunha (2008, p.29) afirma que “a alegria é uma sensação muito saudável, pois o sentimento de felicidade provoca a manifestação de potencialidades, desperta coragem para enfrentar desafios e motivação para criar. [...] um fator imprescindível para a operatividade”. Com o brincar, essas crianças e adolescentes hospitalizados tornam os seus momentos mais alegres, o que é um fator positivo para a recuperação desses pacientes.

O que caracteriza uma brinquedoteca não são somente brinquedos em um espaço, pois este espaço precisa de pessoas integradas para um bom resultado. Um dos principais responsáveis pelo andamento de uma brinquedoteca é o brinquedista¹, que é o responsável pela organização do espaço, bem como da recepção das crianças. Para isso, é preciso um profissional de qualidade, que saiba trabalhar com crianças, trazer alegria, conforto e proporcionar momentos de descontração e diversão e, quando a criança não puder frequentar a brinquedoteca devido à situação física, ela deve receber esse atendimento em seu quarto, pois todas têm esse direito (FONTENELE; SILVA, 2012).

Angelo e Vieira (2010, p.88) afirmam que

o brincar funciona como um espaço de socialização e interação com outros indivíduos, permitindo a criação de uma rede social e a possibilidade de sair do isolamento que a internação provoca. Tem grande importância na socialização da criança, pois é brincando que o ser humano se torna apto a viver numa ordem social e num mundo culturalmente simbólico.

¹ É o mediador que compreende a cultura lúdica “[...] favorece o desabrochar e o desenvolvimento das potencialidades de quem brinca [...] (VECTORE; KISHIMOTO, 2001, p. 60-61)”.

De acordo com a resolução nº41/95 dos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados, toda criança tem o direito de usufruir de alguma forma de recreação no ambiente hospitalar, por isso as brincadeiras e brinquedos são essenciais e obrigatórios nesse processo de hospitalização.

Nesse mesmo sentido, o documento “Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações” (2002) visa elaborar estratégias e orientações para que haja o acompanhamento pedagógico educacional do processo de desenvolvimento e conhecimento de crianças que por algum motivo não podem frequentar a escola.

As Brinquedotecas hospitalares e as Classes Hospitalares são direcionadas ao atendimento de crianças e adolescentes hospitalizados, porém existem diferenças entre ambas, de acordo com Silva e Paula (2015, p. 336) a Brinquedoteca Hospitalar

[...] tem seu foco voltado para a interação entre os indivíduos que participam da mesma podendo compartilhar experiências, opiniões, brinquedos e até suas alegrias e decepções, para um melhor enfrentamento de sua hospitalização. Já o conceito de Classe Hospitalar, o foco está voltado para não permitir que a criança e o adolescente se desvinculem do seu Ensino Formal.

Para Angelo e Vieira (2010, p.87) a brinquedoteca hospitalar, “[...] visa sanar um pouco da dor da criança internada, proporcionando momentos de alegria, descontração, prazer e conhecimento, através das atividades desenvolvidas e socialização”.

Para Noffs e Carneiro (2010), a brinquedoteca é um espaço de interação, em que educadores possibilitam a socialização, o lazer, a alegria, o resgate da autoestima e a vontade de viver. As brinquedotecas são espaços de cidadania na conservação do espaço em que é possível ensinar e aprender.

É por meio das brinquedotecas hospitalares que será possível o desenvolvimento do lúdico entre essas crianças que, por alguma enfermidade, estão dependentes desse espaço por um determinado tempo. Quando essas crianças estão juntas em uma brinquedoteca, elas aprendem a dividir e a socializar os brinquedos disponíveis.

Paula e Foltran (2007, p.23) afirmam que “através das brincadeiras, crianças e adolescentes exploram, descobrem, aprendem sobre o mundo à sua volta e, principalmente que, em uma situação de internação hospitalar, toda a sua rotina é modificada”.

Portanto, percebe-se a importância de uma brinquedoteca hospitalar com suas respectivas funcionalidades, as quais devem atender todas as crianças e adolescentes hospitalizados, objetivando minimizar o máximo possível os traumas de uma hospitalização.

2.1.1 Análise da Lei nº 11.104/2005

A Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, “dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação”.

Esta lei é de certa forma muito simplificada, apenas com quatro artigos, em que determina, no primeiro artigo, sobre sua obrigatoriedade; no segundo, é apresentada a definição de brinquedoteca hospital; no terceiro, estão previstas as penalidades sobre a inobservância e, no quarto, o período em que a lei entra em vigor.

O Artigo 1º dispõe sobre a obrigatoriedade:

Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.
Parágrafo único. O disposto no **caput** deste artigo aplica-se a qualquer unidade de saúde que ofereça atendimento pediátrico em regime de internação. (BRASIL, 2005)

Assim, em qualquer hospital com atendimento pediátrico e com regime de internação, é obrigatória a disponibilidade de uma brinquedoteca, pois, caso contrário, será considerada uma irregularidade, sujeita a penalidades conforme previsto no Art. 3º da lei.

O Artigo 2º desta lei define a brinquedoteca hospitalar: “considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar”. (BRASIL, 2005).

Percebe-se a ineficiência de informações do que seja e para que serve essa brinquedoteca. A lei não explicita a maneira de como deve estar organizado esse espaço, o que deve disponibilizar e, em nenhum momento, comenta sobre profissionais que desenvolvam atividades lúdicas e educativas com as crianças nas brinquedotecas.

“A lei, entretanto, é bastante vaga e permitiu interpretações que garantem a alguns hospitais seu cumprimento, de modo apenas formal, mas com a implicação de não realizar o objetivo ou *telos* da lei” (VILLELA; MARCOS, 2009, p. 18, grifo do autor). Devido à falta de informações dispostas na lei, as brinquedotecas possuem cada uma a sua forma de organização, o que, às vezes, pode não atender a necessidade para o qual foi formulada, a qual pode ser somente um espaço denominado brinquedoteca que está presente devido à obrigatoriedade imposta, mas sem empenho por parte dos responsáveis.

Conforme Silva e Matos (2009, p.10611), a brinquedoteca hospitalar “[...] tem que ser um espaço de valorização da saúde, do brincar, da socialização e da cidadania”. As brinquedotecas hospitalares devem ser coloridas, com mesas e cadeiras adequadas para as

crianças e com materiais de fácil higienização. Os materiais disponibilizados devem contemplar as diversas faixas etárias. (PAULA et al, 2007).

Segundo Paula et al (2007, p.1405), os brinquedos “[...] devem estimular a curiosidade, a imaginação, desenvolver as capacidades que as crianças podem apresentar e explorar seus sentidos”. Os autores explicam que existem vários tipos de brinquedos, os lúdicos e os didáticos. Os didáticos estimulam a aprendizagem e a alfabetização e os lúdicos estão relacionados com a imaginação. No entanto, qualquer brinquedo que seja bem explorado possibilita a aprendizagem.

Os brinquedos mais comuns nas brinquedotecas são os considerados tradicionais, tais como: “[...] o carrinho, a boneca, cozinha, fantoche, brinquedos de montar em geral e pintura”. (PAULA et al, 2007, p. 1405).

De acordo com Villela e Marcos (2009, p. 17-18), cada hospital “[...] deveria ser adequadamente avaliado e supervisionado quanto às suas medidas de humanização hospitalar [...]” e complementam que “deve haver também o estabelecimento de critérios claros e objetivos para a avaliação das ações e resultados das referidas brinquedotecas [...]”.

De acordo com as pesquisas já realizadas, a brinquedoteca é de grande importância para o desenvolvimento das crianças, mas foi preciso uma lei que obriga a instalação de brinquedotecas em hospitais para tornar real esse espaço tanto desejado pelas crianças e adolescentes.

Nesse sentido, Villela e Marcos refletem: “[...] enquanto a lei não define a necessidade de um serviço de atendimento lúdico e relacional à criança, podem os hospitais esvaziar boa parte do conteúdo da lei destinando apenas um espaço frio e asséptico de entrega e recolhimento de brinquedos”. (2009, p. 12). Silva e Corrêa (2010, p. 40) acrescentam ainda que

apesar da resolução que obriga a criação de métodos que determinam a implantação de uma brinquedoteca no ambiente hospitalar na busca de assistência humanizada, estes ainda não são bem estabelecidos, pois não existe regulamento na construção e distribuição de brinquedos.

Portanto, percebe-se que, enquanto a lei continuar desta forma simplificada, sem maiores explicitações sobre a brinquedoteca, as mesmas continuarão sendo apenas espaços que existem para que a instituição não sofra as penalidades.

3 ANÁLISE DE DADOS

Nesta etapa da pesquisa, será relacionada a teoria estudada por meio da análise bibliográfica e documental com as imagens das duas brinquedotecas hospitalares de uma das maiores cidades da região do Alto Uruguai. Essas imagens foram coletadas nas observações realizadas, as quais permitiram descrever os dois ambientes, a sua organização e os brinquedos disponibilizados para o acesso de crianças e adolescentes.

3.1 ESPAÇO UM: SALA DE CONVIVÊNCIA

O primeiro espaço é nomeado pela instituição como “Sala de convivência”, de acordo com a Figura 1. O seu horário de funcionamento é de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h30min às 17h30min. Os frequentadores desse espaço são crianças e adolescentes de 0 a 15 anos. Nos finais de semana, a chave dessa sala de convivência fica com os funcionários da Pediatria do hospital, para que possam abri-lo se houver crianças ou adolescentes hospitalizados que queiram desfrutar desse espaço.

Figura 1 - Sala de convivência



Fonte: Acervo pessoal.

Esse hospital dispõe de um grupo de humanização, composto por funcionários dessa mesma instituição. Se o paciente estiver nesse espaço quando o médico vier fazer a visita, ele é atendido nesse mesmo local.

Para a execução do projeto “sala de recreação e apoio pedagógico hospitalar”, foi criado um espaço físico, em agosto do ano de 2000, para o desenvolvimento do mesmo. Nesse projeto, estão descritos os objetivos da brinquedoteca e ele pode ser acessado para quem tem interesse. Nele está justificada a importância desses espaços, pois, segundo o projeto, brincar e rir são

fatores contribuintes para a recuperação de crianças hospitalizadas, tendo em vista que esse espaço tem como intenção “[...] amenizar o período de internação, diminuindo a resistência dos pais quanto às brincadeiras dos filhos durante a hospitalização”.

Os objetivos nomeados pela instituição como de curto prazo são proporcionar um ambiente alegre e descontraído, promovendo atividades educativas, desenvolver a psicomotricidade, orientar as famílias e as crianças sobre os hábitos saudáveis e ouvir as crianças para que o hospital seja um espaço acolhedor.

Os objetivos denominados de longo prazo são prevenir o fracasso escolar, manter o vínculo com a escola e desenvolver projetos com instituições que promovam a visita e estágios no hospital. Dessa forma, acredita-se que o pedagogo possa atingir esses objetivos nos espaços hospitalares.

A metodologia descrita no projeto é realizada da seguinte forma: primeiramente, é realizada uma visita aos quartos em que se objetiva divulgar a existência da sala de recreação, sendo os trabalhos realizados com grupos de crianças de acordo com a escolaridade. O atendimento individual é realizado no leito, sendo propostas atividades de acordo com as possibilidades, buscando desenvolver a coordenação motora, o estímulo visual e o perceptivo.

Os conteúdos didáticos são enviados pela escola para que possa haver uma relação entre os conteúdos. É realizado um controle estatístico dos atendimentos para que possam ser realizadas novas metas e avaliações das programações. São enfatizadas as datas comemorativas como o Natal, Ano Novo, Páscoa e o Dia da Criança, nas quais as crianças ganham uma pequena lembrança. Também ocorrem palestras, para orientação das crianças, adolescentes e familiares, com profissionais de saúde da mesma instituição ou da comunidade.

Esse espaço dispõe de uma recreacionista, a qual possui graduação em Pedagogia. As atribuições dessa profissional são apresentar a sala de convivência, conversar com a escola, criar atividades lúdicas e pedagógicas, organizar os eventos em datas comemorativas, organizar campanhas para arrecadação de livros e brinquedos, cuidar e higienizar os materiais disponibilizados na sala, observar a relação entre a criança e o seu responsável e, se necessário, repassar aos profissionais e desenvolver as ações em conjunto com a Pediatria.

Algumas dessas informações, de acordo com o projeto, podem sofrer alterações, mas sem alterar o objetivo principal da proposta. Como consideração final do projeto, está exposto que melhorias são bem-vindas e a equipe está aberta a sugestões.

A brinquedoteca hospitalar, apesar de estar localizada em uma instituição que preza pela saúde, busca, através de rotinas planejadas para crianças e adolescentes, atenuar as dificuldades impostas pela situação. Cientes de que a hospitalização restringe uma série de atividades, devem

ser oferecidos diferentes mecanismos que possibilitem alguns confortos para que a saúde seja restabelecida o mais rápido possível.

A partir das Figuras 2 e 3, podemos perceber que esse espaço dispõe de mesas e cadeiras; sofás e almofadas; uma televisão e aparelho de DVD; um carrinho de bebê; uma cadeira de balanço; livros infantis e para adultos; revistas; ursos de pelúcia; bonecas; carrinhos e caminhões; quadros de personagens infantis; um quadro mural; um armário; estantes; motocas; um espelho; diversos jogos e brinquedos, entre outros.

Figura 2 - Infraestrutura



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 3 - Infraestrutura (cont.)



Fonte: Acervo pessoal.

Por meio da observação e das imagens, é possível perceber que a maioria das mesas e cadeiras disponíveis está de acordo com o tamanho das crianças. De acordo com Ambrogi (2011, p.68), “[...] há a necessidade de o mobiliário ter características que possibilitem a autonomia das crianças; portanto, as mesas e as cadeiras devem ter tamanho adequado [...]”.

Existem muitos materiais que não estão ao alcance das crianças, o que prejudica de certa forma o brincar, pois não conseguem pegar tudo o que querem, pegam somente se a recreacionista entregar ou com a ajuda de um familiar. Nesse sentido, Ambrogi (2011, p.69) afirma que “[...] o espaço se torna ambiente, nos usos e na posse das crianças e dos adultos que nele convivem”, portanto, deve-se deixar que as crianças intervenham nesse espaço.

Brock (2011, p.6) afirma que “é preciso oferecer um ambiente favorável, que proporcione tempo e materiais para que as crianças brinquem interativamente e desenvolvam sua competência social”. Nesse espaço, é possível perceber grande quantidade e variedade de materiais disponibilizados a crianças e adolescentes hospitalizados nesta instituição.

Conforme Vargas (2014, p. 147), “desde o início da vida a atividade de explorar, experimentar e brincar tem mobilizações sobrepostas que envolvem funções motoras e mentais de relevante importância na constituição da subjetividade”. A autora acrescenta ainda que “[...] pelas emoções e por intermédio do movimento na experimentação, exploração e brincadeira, a criança vai se desenvolvendo e tomando consciência de si” (VARGAS, 2014, p.150).

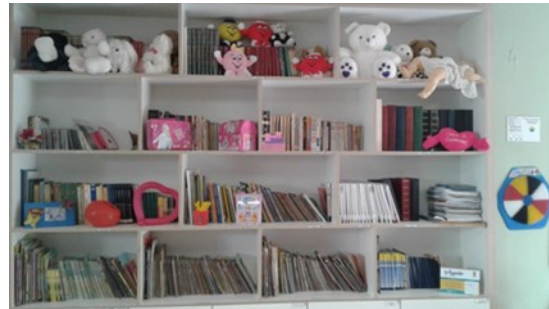
Nesse espaço, podem ser realizadas contações de história ou leituras de histórias, pois existem muitos livros (Figuras 4 e 5) esperando para serem usufruídos. A literatura infantil estimula a criatividade, a imaginação e é um incentivo para a leitura desde cedo, por meio da leitura é possível “viajar” por vários lugares. Nesse sentido, Silva (2005, p. 89, grifo do autor) complementa, indicando que a literatura estimula: **CURIOSIDADE. IMAGINAÇÃO. CRIATIVIDADE. FANTASIA. SENTIMENTO. INVENÇÃO. SENSIBILIDADE.** A literatura, enquanto expressão da vida, tem a capacidade de redimensionar as percepções que o sujeito possui de suas experiências e do seu mundo”. Em seguida, apresenta-se o acervo de livros presentes nessa brinquedoteca.

Figura 4 - Livros de histórias infantis



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 5 - Armário com diversos materiais



Fonte: Acervo pessoal.

Além do mais, a literatura infantil pode despertar algumas emoções, de acordo com os personagens da história.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Abramovich (1997, p. 23, grifo do autor) afirma que “O OUVIR HISTÓRIAS PODE ESTIMULAR o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)”.

Além da diversidade de brinquedos e jogos, são disponibilizados materiais para a criação de desenhos. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil,

para que a criança possa desenhar, é importante que ele possa fazê-lo livremente sem intervenção direta, explorando os diversos materiais, como lápis preto, lápis de cor, lápis de cera, canetas, carvão, giz, penas, gravetos etc., e utilizando suportes de diferentes tamanhos e textura, como papéis, cartolinas, lixas, chão, areia, terra etc. (MEC, 1998, p. 100).

É preciso deixar que a criança faça o seu desenho sem a intervenção de um adulto, pois cada uma tem o seu jeito de desenhar e não existe o desenho certo ou errado, o que existe são apenas as diferenças, pois nenhum ser humano é igual a outro.

Além da diversidade de materiais e a presença de uma recreacionista, esse espaço é contemplado por vários projetos voluntários (Figura 6). Uma destas atividades é realizada por uma escola da rede privada da cidade, em que os alunos pintaram telas (Figura 7). As telas foram doadas para a instituição e afixadas nos corredores.

Figura 6 - Folder do projeto voluntário



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 7 - Telas pintadas por voluntários



Fonte: Acervo pessoal.

Esse espaço também dispõe de diversos jogos, os quais possuem suas funções lúdicas e educativas. Nesse viés, Kishimoto (2009, p. 37) explica a diferença entre ambas: “função lúdica: o brinquedo propicia diversão, prazer e até desprazer, quando escolhido voluntariamente; e função educativa: o brinquedo ensina qualquer coisa que contemple o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo”.

Os jogos têm como objetivo, além da ludicidade, a aprendizagem, e é por meio do aprender brincando que a aprendizagem torna-se mais fácil e prazerosa, pois brincando se aprende. Existe grande diversidade de jogos, cada qual com o seu objetivo, em que cabe ao profissional responsável direcionar os jogos de acordo com o nível da pessoa que irá jogar. Kishimoto (2009) comenta que não é tarefa fácil definir o que é jogo, pois cada pessoa entende de uma maneira diferente. A palavra jogo compreende jogos políticos, de adultos, de crianças e uma imensidade de outros. Todos são nomeados como jogos, mas cada um tem as suas particularidades, portanto, cada um tem suas próprias regras.

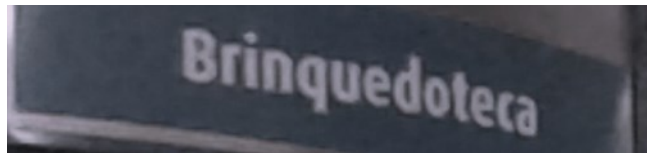
3.2 ESPAÇO DOIS: BRINQUEDOTECA

O segundo espaço é nomeado pela instituição como “Brinquedoteca” (Figura 8). De acordo com Santos, falar de brinquedoteca é falar sobre os diversos espaços

[...] que se destinam à ludicidade, ao prazer, às emoções, às vivências corporais, ao desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da auto-estima, do autoconceito positivo, da resiliência, do desenvolvimento do pensamento, da ação, da sensibilidade, da construção do conhecimento e das habilidades. (2008, p.58)

“A brinquedoteca é um espaço onde o brincar torna-se significativo [...]” (SOUSA; DAMASCENO, 2012, p. 2), principalmente em instituições hospitalares, em que as crianças ficam ansiosas, inseguras e com medo. Assim, por meio da brinquedoteca, os seus momentos de hospitalização tornam-se um pouco menos dolorosos através do brincar.

Figura 8 - Brinquedoteca



Fonte: Acervo pessoal.

De acordo com as Figuras 9 e 10, esse espaço dispõe de motocicletas; piscina de bolinhas com escorregador; colchonetes; um sofá; um balanço com dois lugares; mesas, bancos e cadeiras; fogão, forno e pia de lavar a louça; caixas com diversos brinquedos; bonecas com carrinho; um quadro mural; um quadro branco; dois carrinhos de compras; dois cavalinhos; instrumentos musicais; carrinhos; brinquedos de encaixar; jogo de boliche; alguns livros; aparelho de DVD, entre outros.

Figura 9 - Infraestrutura



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 10 - Infraestrutura (cont.)



Fonte: Acervo pessoal.

De acordo com a observação, é possível perceber a diversidade de brinquedos, os quais são adquiridos pela instituição. As mesas são de tamanho adequado para as crianças, porém as prateleiras estão muito elevadas, o que faz com que as crianças não consigam pegar o brinquedo que desejam. Nesse sentido, Goldschmied e Jackson (2006) afirmam que o mobiliário presente nas salas deve ser adequado conforme a idade das crianças.

Essa brinquedoteca não dispõe de um profissional responsável por esse espaço, é aberta 24 horas por dia, ou seja, os pacientes podem ir até mesmo sozinhos ou com seus acompanhantes no momento em que desejarem. O espaço é fechado somente para momentos de desinfecção. A pintura das paredes é alegre, apropriada para um espaço que deseja ser acolhedor e, ao mesmo tempo, propicia momentos de alegria e entretenimento para quem está hospitalizado.

Se os pacientes estiverem nesse espaço quando o médico vier para a visita, devem retornar ao quarto para o atendimento médico, já os fisioterapeutas atendem esse paciente na brinquedoteca.

As crianças que estão impossibilitadas de frequentar esse espaço podem levar aos seus quartos materiais que estão na brinquedoteca e também recebem kits lúdicos, compostos por desenhos para pinturas, livros, massa de modelar, jogos, materiais para criação de desenhos, dentre outros, os quais não estão presentes no espaço da Brinquedoteca.

De acordo com Gobbi (2014, p. 164-165), “os desenhos das crianças, assim compreendidos, veiculam outras imagens e são carregadas de pensamentos, de modos de ver, sentir e estar no mundo”. Ou seja, por meio dos desenhos, as crianças expressam o que estão sentindo e o que elas veem em seu dia a dia, portanto, seus desenhos são carregados de significados. Nesse sentido, Barbieri (2012, p. 84) complementa que “o desenho permeia muitos momentos de nossa vida. Ele é uma forma de pensar, de narrar, de planejar, de projetar, de inventar outros mundos, de organizar”.

Seguindo a mesma lógica, Staccioli (2011, p. 32) afirma que “os desenhos das crianças são o espelho de seus pensamentos. E os pensamentos refletem, em parte, as sugestões que as crianças recebem”.

O espaço está bem organizado, com ampla diversidade de materiais. De acordo com Goldschmied e Jackson (2006, p. 35), “criar um ambiente visual satisfatório não é uma tarefa que se faz uma só vez para sempre, mas algo que precisa acontecer de forma continuada”.

Alguns dos brinquedos (Figuras 11 a 16) são direcionados ao brincar de faz de conta, o qual é de grande importância para as crianças. Nesse brincar, as crianças imitam o que elas veem, os seus pais, irmãos ou pessoas ao seu redor fazendo no dia a dia.

Nesse sentido, Redin (2009, p. 120) afirma que “o faz de conta, como habilidade das crianças mais novas, é o campo privilegiado para a criação. Essas brincadeiras permitem as trocas de papéis, a transferência de lugares, de nomes, permitindo que as próprias crianças se transportem para diferentes espaços e tempos”.

A brincadeira de faz de conta é uma atividade lúdica que está incorporada de imaginação, de imitação e de observação. A criança experimenta outra forma de ser e de pensar, amplia seus conhecimentos, pois quando brinca de faz de conta desenvolve vários papéis da sociedade. Com o brincar de faz de conta, a criança pode representar o personagem que quiser, por exemplo, cozinheiro, mecânico, motorista, médico, ou seja, pode criar e recriar as suas funções na brincadeira de representação de papéis.

Conforme Barbosa e Fochi (2015, p. 65), “ao brincar, as crianças desenvolvem argumentos narrativos, tomam iniciativas, representam papéis, solucionam problemas, vivem impasses. Inventam em seus jogos modos de ser e estar no mundo [...]”. Brincar, além de trazer inúmeras contribuições para o ser criança, contribui para a recuperação da criança e do adolescente hospitalizado.

Freire complementa que é de grande importância o jogo simbólico, afirma que “é construindo representações, símbolos, que a criança registra, pensa e lê o mundo.” (1989, p 25). Em seguida, as figuras trazem os diversos brinquedos disponibilizados nesse espaço.

Figura 11 - Brinquedo um



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 12 - Brinquedo dois



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 13 - Brinquedo três



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 14 - Brinquedo quatro



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 15 - Brinquedo cinco



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 16 - Brinquedo seis



Fonte: Acervo pessoal.

Conforme as figuras, é possível perceber a possibilidade de brincadeira na cozinha, a qual dispõe de fogão, forno, pia de lavar louças e diversos utensílios de cozinha. Também nos mostram materiais utilizados em mecânica, uma boneca e um boneco, diversos caminhões, carrinhos e também alguns instrumentos musicais. Esses materiais podem formar os cantos temáticos, os quais as crianças simplesmente adoram.

Segundo Brito (2003, p.35),

a criança é um ser ‘brincante’ e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. Fazendo música, ela, metaforicamente, ‘transforma-se em sons’, num permanente exercício: receptiva e curiosa, a criança pesquisa materiais sonoros, ‘descobre instrumentos’, inventa e imita motivos melódicos e rítmicos e ouve com prazer a música de todos os povos.

O brincar de faz-de-conta, permite explorar a realidade através de sua fantasia e imaginação, imitando o cotidiano dos adultos ao brincar de mamãe e filhinha, motorista e passageiro, médico e paciente, entre outras. É uma forma livre de brincar, pois permite que a criança expresse seus sentimentos e emoções, muitas vezes contidas em seu íntimo como traumas e dificuldades de adaptação. (DORNELES, 2001).

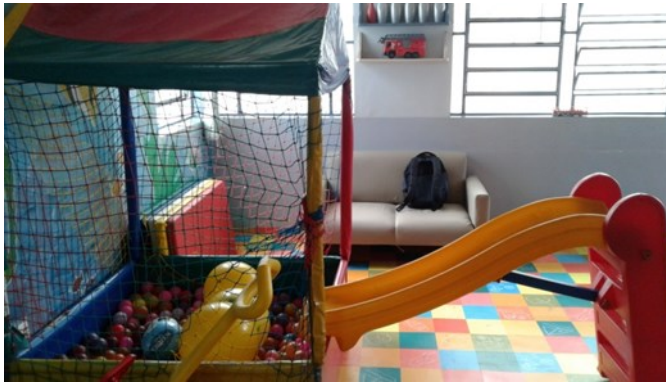
Conforme Freire (1989, p. 25), “é através do jogo simbólico, do faz-de-conta, que a criança assimila a realidade externa – adulta – à sua realidade interna”, com isso, percebe-se que a representação de papéis contribui para o desenvolvimento da criatividade, bem como para entender o mundo adulto.

O faz-de-conta é a brincadeira que mais desenvolve as situações imaginárias e permite regras implícitas que vão sendo desenvolvidas no decorrer da brincadeira. Kishimoto (2009, p. 40) afirma que

construindo, transformando e destruindo, a criança expressa seu imaginário [...] O jogo de construção tem uma estreita relação com o de faz-de-conta. Não se trata de manipular livremente tijolinhos de construção, mas de construir casas, móveis ou cenários para as brincadeiras simbólicas.

Esse espaço dispõe de brinquedos para que ocorra o brincar livre, como o escorregador com piscina de bolinhas (Figura 17), balanço (Figura 18) e motocas (Figura 19), os quais facilitam o brincar de todas as crianças, bem como de bebês que estejam hospitalizados.

Figura 17 - Piscina de bolinhas



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 18 - Balanço



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 19 - Motocas



Fonte: Acervo pessoal.

Portanto, percebe-se que “[...] a brinquedoteca não é só um monte de brinquedos. São objetos que não têm vida em uma estante, mas quando chegam às mãos das crianças criam vida. Pois ela é acima de tudo o mundo de brincadeiras”. (ALMEIDA, 2011, p. 136).

O brinquedo possibilita mudanças positivas no desenvolvimento da criança. Com ele, a criança pode criar hipóteses, desafios e relacionar-se com outras crianças que estejam no espaço. O brinquedo é umas das bases para a brincadeira, que permite a criação, a imaginação e a representação da realidade e das experiências que a mesma possui. (SOUSA; DAMASCENO, 2012).

Desse modo, diante da análise de dados é possível compreender a necessidade e os benefícios das brinquedotecas hospitalares.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amparada pelos referenciais teóricos e por meio da análise de dados, realizada a partir das imagens de duas brinquedotecas de uma das maiores cidades do Alto Uruguai, pode-se afirmar que as brinquedotecas hospitalares devem ser um espaço em que crianças e adolescentes tornam os seus momentos um pouco menos dolorosos, pois, quando eles estão hospitalizados, ficam abatidos e, além disso, esses pacientes não estão em meio ao seu convívio familiar, ou seja, estão em um ambiente totalmente diferente do que estão habituados.

As brinquedotecas devem ser espaços alegres, de brincadeiras e dispõem de uma infinidade de materiais, incluindo livros, brinquedos e jogos, os quais podem ser alocados em inúmeras brincadeiras, ou seja, os hospitais têm à sua disposição espaços e brinquedos para tornar a recuperação e a estadia do paciente da ala pediátrica menos dolorosa.

Em relação à Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, a qual orienta sobre a implantação das brinquedotecas hospitalares, ela, apesar de não orientar e detalhar as ações necessárias, indica a necessidade das mesmas. A análise permitiu concluir que esses espaços estão em conformidade com aquilo que está previsto na legislação, pois há um espaço destinado às brinquedotecas no setor de Pediatria.

Infelizmente, a legislação não orienta quanto aos materiais que devem ser disponibilizados, aos horários de funcionamento e a um elemento de grande importância, um profissional responsável para um bom andamento desse espaço, o pedagogo, o qual está apto a realizar atividades lúdicas e educativas e também deve preocupar-se com o desenvolvimento emocional desse paciente. Cabe à instituição hospitalar perceber a sua necessidade e organizar o espaço.

A partir da análise das duas brinquedotecas, foi possível apontar que em uma das instituições há a recreacionista, profissional responsável para cuidar desse espaço, chamar as crianças e adolescentes hospitalizados para usufruir desse espaço, bem como desenvolver atividades em conjunto com eles. Ela é atuante e zelosa pelo espaço que abriga a brinquedoteca. Nesta mesma instituição, o espaço é denominado “Espaço de convivência” e existe grande quantidade e variedade de materiais como, por exemplo, bonecas, ursos de pelúcia, carrinhos, jogos e uma infinidade de livros, os quais são de livre acesso para seus participantes.

Na outra instituição hospitalar, na qual o espaço é denominado como “Brinquedoteca”, existem brinquedos de maior porte, com objetivos específicos, como por exemplo, balançar-se, mergulhar na piscina de bolinhas ou andar de motoca. Porém, não há a presença do profissional.

O espaço é explorado livremente pelos pacientes e famílias com a supervisão dos enfermeiros ou profissionais da limpeza.

O intuito é brincar pelo brincar, o que com certeza é de extrema importância para esses pacientes, pois é nesse espaço que a criança consegue distrair-se, ou seja, naquele momento de prazer e descontração ela não está lembrando o motivo e o porquê de estar nesse espaço, o qual causa muito espanto para muitas pessoas. Muitas vezes um adulto não se sente confortável em um hospital e a mesma situação repete-se com criança ou adolescente que, às vezes, não compreende o porquê de estar nesse espaço e só conseguem perceber movimentos estranhos. Diante disso, verifica-se a importância de haver um espaço em que as brincadeiras sejam uma possibilidade terapêutica, de aprendizagens e interações.

O brincar nesse espaço proporciona a socialização e a interação entre as crianças e os adolescentes e, dividindo materiais, as crianças aprendem e se divertem com o outro. A criança ou adolescente hospitalizado pode não estar se sentindo bem, mas se forem incentivados a ir até a brinquedoteca encontrarão motivos para alegrar o seu dia. Se esse paciente por algum motivo está impossibilitado de ir até o espaço, pode pegar algum brinquedo ou jogo para que possa brincar no próprio quarto. O brincar é uma necessidade para a criança, é por meio dele que ocorre um ótimo resultado em relação ao tratamento médico.

Por meio do brinquedo, é possível realizar coisas impossíveis, as quais não podem ser contextualizadas na realidade, com isso ocorre o aprendizado sobre o mundo de quem brinca. Nesses espaços, a criança e o adolescente hospitalizado podem e devem ter autonomia em suas ações desenvolvidas na brinquedoteca, espaço destinado ao brincar.

No entanto, por ser um espaço hospitalar, em que geralmente há uma proliferação de microrganismos que podem causar doenças, faz-se necessário um cuidado maior em relação à higienização dos materiais disponibilizados nas brinquedotecas hospitalares, pois eles podem ser veículos de transmissão de doenças. Esse é um dos cuidados que deve ser seguido de forma rigorosa para um bom funcionamento desses espaços.

Os dados coletados também sugerem pensar no papel dos cursos de formação em pedagogia, em que uma maior ênfase na Pedagogia Hospitalar faz-se necessária. Além disso, poderiam ser criados projetos em conjunto com os espaços denominados brinquedotecas hospitalares para que os acadêmicos pudessem desenvolver algumas propostas com as crianças e os adolescentes hospitalizados, além de proporcionar grande aprendizado aos acadêmicos, bem como aos hospitalizados.

Diante disso, percebo a importância e a necessidade de continuar aprofundando essa pesquisa, com o intuito de aprender e problematizar ainda mais essa área de atuação do

pedagogo, que, às vezes, passa despercebida por muitos, inclusive nos cursos de pedagogia e pelo próprio pedagogo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- ADAMUZ, R. C; BATISTA, C. V. M; ZAMBERLAN, M. A. T. Você gosta de brincar? Do quê? Com quem?. In: SANTOS, S. M. P. dos (Org). **Brinquedoteca**: a criança, o adulto e o lúdico. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 157-167.
- ALMEIDA, M. T. P. de. Brinquedoteca e a importância de um espaço estruturado para o brincar. In: SANTOS, S. M. P. dos (Org). **Brinquedoteca**: o lúdico em diferentes contextos. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 134-142.
- AMBROGI, Ingrid Hotte. **Reflexões sobre os usos do espaço como garantia para criação de meninos e meninas pequenas**. Pro-posições, Campinas, v. 22, n. 2, p.63-73, maio/ago.2011.
- ANGELO, T. S. de; VIEIRA, M. R. R.; Brinquedoteca hospitalar: da teoria à prática. **Arquivos de Ciências da Saúde**, p. 84-90, abr. 2010. Disponível em: < http://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-17-2/IDO4_%20ABR_JUN_2010.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.
- BACELAR, V. L. da E. Ludicidade e educação infantil. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: < https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/23789/1/LudicidadeEduca%C3%A7%C3%A3oInfantil_VeraL%3%BAciaDaEncarna%C3%A7%C3%A3oBacelar_EDUFBA.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994, p. 47-51.
- BARBIERI, Stela. **Educação infantil e arte contemporânea**. São Paulo: Blucher, 2012.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira; FOCHI, Paulo Sérgio. Os bebês no berçário: ideias-chave. In:FLORES, Maria Luiza Rodrigues; ALBUQUERQUE, Simone Santos (Orgs.). **Implementação do Pro Infância no Rio Grande do Sul**: perspectivas políticas e pedagógicas. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2015. p. 57-68.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70, 2010.
- BARTOLUCCI, G. Como criar uma brinquedoteca na Itália? In: OLIVEIRA, V. B. De (Org.). **Brinquedoteca**: uma visão internacional. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF. 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF. 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2017.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>>. Acesso em: 25 ago.2017.

BRASIL. Constituição Federal (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 mar. 2017.

BRASIL. **Lei nº 11.104 – 21 de mar. 2005**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm>. Acesso em: 18 mar. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: MS; 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 05 abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar**. Disponível em: <<http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnhah01.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

_____. **Direitos da criança e do adolescente hospitalizados. Resolução n.º 41, de 13/10/1995**. Brasília: Imprensa Oficial, 1995. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/conanda.htm>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: Estratégias e orientações / Secretaria da Educação Especial**. Brasília: MEC, p.1-35, dez. 2002.

BRITO, T. A. **Música na educação infantil**. São Paulo: Petrópolis, 2003.

BROCK, A. A Importância do Brincar na Infância. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 27, p. 4-7, abr./jun. 2011.

CARNEIRO, M. A. B.; NOFFS, N. de A.; A educação e a saúde: brinquedoteca hospitalar espaço de resignificação para a criança internada. **Revista Ibero-Americana de estudos em Educação**, v. 5, n. 3, p.1-9, 2010. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/viewFile/3710/3470>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

CORDAZZO, S; VIEIRA, M. Caracterização de brincadeiras de crianças em idade escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.21, n.3, p. 365 - 373, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n3/v21n3a04.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

CUNHA, N. H. da S. O Brincar e as necessidades especiais. In: SANTOS, S. M. P. dos (Org). **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.p. 29-36.

DORNELLES, L. Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca. In: CRAIDY, C; KAERCHER, G. (Org). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 101-108.

- FONTENELE, M. S. S.; SILVA, M. J. M. Brinquedoteca na escola sem brinquedista, funciona?. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 2012, Campina Grande. **Anais...**Parnaíba: Realize, 2012. p. 1-16. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/540ae6b0f6ac6e155062f3dd4f0b2b01.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2017.
- FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**: Relatos de uma professora. 7. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOBBI, Marcia Aparecida. Mundos na ponta do lápis: desenho de crianças pequenas ou de como desenhar o familiar quando o assunto é criação infantil. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 147-165, jan./abr. 2014.
- GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos**: o atendimento em creche. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- KISHIMOTO, T. M. Brinquedo e brincadeira: usos e significações dentro de contextos culturais. In: SANTOS, S. M. P. dos (Org.). **Brinquedoteca**: o lúdico em diferentes contextos. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 23-40.
- KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: _____ (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 13-43.
- LAJOLO, M. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, M. C. (Org.). **História social da infância no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 229-250.
- LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, (Orgs.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 137-155.
- LOSS, A. S. **Para onde vai a Pedagogia?**, 1. ed. Curitiba: Appris, 2014.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MELO, L. de L.; VALLE, E. R. M. do. A Brinquedoteca como possibilidade para desvelar o cotidiano da criança com câncer em tratamento ambulatorial. **Revista da escola de enfermagem da USP**, São Paulo, v.44, n.2, p. 517-525, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000200039>. Acesso em: 02 abr. 2017.
- MORAIS, J.; PAULA, E.M. A. T. de. A brinquedoteca hospitalar como espaço de humanização e educação não formal. **Cadernos de Pedagogia**. São Carlos, v. 4, n. 7, p. 75-85, jan – jun. 2010. Disponível em: <<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/178/104>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

- NASCIMENTO, A. S. et al. A atuação do pedagogo em espaços não escolares: desafios e possibilidades. **Pedagogia em ação**, [S.l.], v. 2, n.1, p. 61-65, fev./jun. 2010. Disponível em: <file:///D:/Meus%20Documentos/Documents/10%20SEMESTRE/TCC%20final/esp%C3%A7os%20n%C3%A3o%20escolares.pdf>. Acesso em: 20 nov.2017.
- PAULA, E. M. A. T. de. et al Brinquedoteca hospitalar: o direito de brincar, seu funcionamento e acervo. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 7.; Encontro Nacional sobre atendimento Escolar Hospitalar, 5., 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Educere, 2007. p. 1399-141. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-195-12.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.
- PAULA, E. M. A. T.; FOLTRAN, E. P. Brinquedoteca hospitalar: direito das crianças e adolescentes hospitalizados. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v.3, p.22-25, 2007. Disponível em: < <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3828/2707>>. Acesso em: 18 mar. 2017.
- REDIN, Marita Martins. Crianças e suas culturas singulares. In: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Orgs). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: Diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 115 – 126.
- SANTOS, A. M. P. dos. Brinquedoteca de universidade. In: _____. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 99-102.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, L. T. da; PAULA, E. M. A. T. de. Atuação de diferentes profissionais em brinquedotecas hospitalares: características e funções. **Licere**, Belo Horizonte, v.18. n.2, p. 329-349, jun. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1054/763>>. Acesso em: 25 set. 2017.
- SILVA, E T. da. **Elementos de pedagogia da leitura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SILVA, D. F.; CORRÊA, I. Reflexão sobre as vantagens, desvantagens e dificuldades do brincar no ambiente hospitalar. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 14. n. 1, p. 37-42, mar. 2010. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/85>>. Acesso em: 18 mar. 2017.
- SILVA, T. M. A. D.; MATOS, E. L. M. Brinquedoteca Hospitalar: Uma realidade de humanização para atender crianças hospitalizadas. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9.; Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 3., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Educere, 2009. p. 10602-10612. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3276_1464.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.
- SILVÉRIO, C. A; RUBIO, J. de A. S. Brinquedoteca Hospitalar: O Papel do Pedagogo no Desenvolvimento Clínico e Pedagógico de Crianças Hospitalizadas. **Revista eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 3, n. 1, p. 1-16, 2012. Disponível em:

<<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Claudia.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

SOUZA, G. S. R. B de; DAMASCENO, D. P. A importância da brinquedoteca na aprendizagem infantil. In: In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 2012, Campina Grande. **Anais...**Parnaíba: Realize, 2012. p. 1-14. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/cd9cd989c245d74868db9dcf6379c1e9_1577.pdf. Acesso em: 18 mar. 2017.

STACCIOLI, Gianfranco. As di-versões visíveis das imagens infantis. **Pro-posições**, Campinas, v. 22, n. 2, p.21-37, maio/ago.2011.

UNICEF. 2011. **O direito de ser adolescente**: oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades. Brasília, Fundo das Nações Unidas para a Infância. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/br_sabrep11.pdf. Acesso em: 30 set. 2017.

VARGAS, Gardia Maria Santos. **Bebês em suas experiências primeiras**: perspectivas para uma Escola da Infância. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2014. 226f.

VECTORE, C.; KISHIMOTO, T.M. Por trás do imaginário infantil: explorando a brinquedoteca. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 5, n. 2, p. 59-65, 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pee/v5n2/v5n2a07.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

VILLELA, F.C.B ; MARCOS, S.C. Brinquedoteca hospitalar: da obrigatoriedade legal ao desrespeito à lei – A Lei Federal Nº11.104/2005 como caso emblemático envolvendo limites nas medidas de humanização hospitalar. **Anais...** ETIC. Encontro de Iniciação Científica, v. 5, n. 5, 2009. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewArticle/2205>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso: A Ludicidade e as brinquedotecas hospitalares.

Responsáveis: Profa. Ms. Sonize Lepke e Acadêmica: Francieli Camila Zamadei Andreola

Instituição: Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus Erechim*

Introdução: Este documento contém informações sobre os procedimentos de pesquisa e sua assinatura representa sua anuência (ou autorização do responsável em caso de menor de idade) em permitir que os dados sejam coletados por meio de observações.

Objetivo: Analisar a estrutura e o funcionamento das brinquedotecas hospitalares de duas instituições em uma das maiores cidades da região do Alto Uruguai.

Procedimentos: O procedimento de coleta de dados será feito através de observações da brinquedoteca e coleta de imagens. Esses procedimentos estão em consonância com a autorização de uso consentido e expresso assinado.

Desconforto e Riscos: O estudo apresenta riscos mínimos aos participantes, visto que se constitui de entrevistas e observações, sem intervenções clínicas. No entanto, é possível que as entrevistas e observações gerem desconforto nos participantes e esses podem desistir da participação na pesquisa a qualquer momento.

Benefícios: Os resultados desse estudo serão úteis para a compreensão do funcionamento das brinquedotecas hospitalares.

Alternativas: Sua participação é voluntária e poderá contribuir para a investigação do problema de pesquisa descrito nos objetivos desse documento. A efetivação do envolvimento com esta pesquisa somente se dará a partir da assinatura deste termo, com o qual estará consentindo em participar do trabalho, sendo-lhe reservado o direito de recusar-se a participar ou de desistir de sua participação a qualquer momento. Sua desistência ou não participação não irá prejudicá-lo e os dados obtidos a partir das coletas realizadas.

Orçamento / Custos: Sua participação no estudo não acarretará nenhum custo para você, assim como também não lhe será disponibilizada nenhuma compensação financeira.

Confidencialidade: A pesquisadora e sua orientadora certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais e as informações serão publicadas somente em eventos ou periódicos científicos. Fica garantido o sigilo absoluto das informações obtidas nesta pesquisa, sendo a guarda dos materiais produzidos neste estudo de inteira responsabilidade da pesquisadora. Após o período de cinco anos, os arquivos das observações e imagens que haviam sido guardados como evidência dos procedimentos realizados serão descartados.

Problemas ou perguntas: A pesquisadora se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, pelo telefone da pesquisadora (54) 999521171 ou pelo seu email francy_zamadei@hotmail.com.

Termo de Consentimento

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, concordo em participar da referida pesquisa que poderá coletar imagens da brinquedoteca.

Nome legível do participante: _____

Assinatura do participante: _____

Nome legível do participante: _____

Assinatura do participante: _____

Atesta-se que a natureza e o objetivo do estudo, bem como seus possíveis riscos e benefícios, foram esclarecidos junto ao participante. Acredita-se que ele recebeu todas as informações necessárias e que essas foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível e que o (a) participante compreendeu tal explicação.

Orientador do projeto: Sonize Lepke

Assinatura:

Nome legível da acadêmica: Francieli Camila Zamadei Andreola

Assinatura:

_____, _____ de _____ de 2017.

Orientador do projeto